CONFERENCIA

realizada na «Phenix Caixeiral», em Fortaleza, no dia 25 de Março de 1928, no 44.º anniversario da libertação total dos escravos do Ceará, pelo

Dr. José Lino da Justa

Meus Senhores
Mocidade do Gremio Phenixta

Foi na patria dos semi-deuses hellenicos, onde a mão quasi divina da arte de Phidias arrancou de um bloco roseo de Paros a estatua de Pallas Athenéa em culto á Concordia e á Paz dos homens, e o oraculo de Delphos declarou trégoas para coroar de oliveiras — symbolo da honra — o vencedor dos jogos olympicos, que occorreu o seguinte episodio empolgante, no encontro da velhice com a juventude.

Conta-se da historia daquelle recanto do mundo antigo, onde nasceram tantos genios e surgiram as maiores bellezas da arte, um incidente commovedor, que edifica pelo exemplo e seduz pela delicadeza do gesto cavalheiresco.

Um dia, quando mais formoso era o sol da Attica a irisar as curvas azues das ondas do mar da Jonia, no famoso Areópago de Athenas, já repleto, entrou um espectador retardado.

De pé, a circumvagar o olhar amortecido e humido pela neve da idade, não achou um lugar vasio.

E o velho, encanecido ao serviço das phalanges que combateram pela Patria, já se dispunha a sair, quando um joven, rapido, se ergueu, cedendo-lhe o lugar.

O gesto bello e nobre do moço atheniense fez vibrar então a massa immensa de espectadores, num delirio de unanimes applausos.

Aquella apotheose á juventude, que acabava de honrar a velhice, era tambem o symbolo de eloquente veneração áquelles que na sua peregrinação pelo mundo já vão dobrando, ao longe, a ultima curva do caminho asperrimo da vida.

O vosso gesto, nobre mocidade do Gremio Phenixta, guardando as circunstancias e o lugar, foi igual ao do filho heroico da cidade lendaria, que pela mão da arte bella ergueu a Acropole immortal acolhedora, no passado, de uma pleiade de genios, que tanto sublimaram o espirito e a consciencia humana.

Fostes ao meu retiro obscuro e de lá trouxestes este coração que, como disse Voltaire,—não envelhece, embora entristeça ao ver-se em ruinas,—mas que, ao contacto do vosso, que estúa ao calor da esperança, parece alentar-se e reviver um instante ao relembrar uma pagina excelsa e refulgente da historia da nossa terra, tambem immortal pelos feitos de gloria praticados pela mocidade do passado.

Meus Senhores

Ha poucos dias, escrevi na imprensa uma rapida impressão do alvorecer da inolvidavel manhã do 25 de Março de 1884 até o momento da sessão magna em que a palavra official, representada pelo então Presidente da Provincia, Dr. Satyro Dias, declarou livre de escravos o Ceará.

Então, naquelle ambiente de flores, perfumes, bellezas e cordialidade, se reuniam pela primeira

vez, numa espontanea «Convenção» de fraternidade verdadeira--o «clero», a «nobreza» e o «povo» de uma cidade, para decidirem, não a sorte de uma instituição ou prerogativa de um rei, porém a abolição do captiveiro da raça infeliz, que, havia seculos, padecia o opprobio de uma injustiça nefanda.

A excepcional imponencia daquelle ágape civico, em plena praça publica devia ter por testemunha esse mesmo sol que é o nosso martyrio, algumas vezes, e tambem a fonte fecunda e gloriosa das nossas energias.

A alma cearense teve naquelle momento a explosão de um enthusiasmo patriotico nunca visto, quando ao éco da salva de artilharia, o Presidente, de pé, solemne e a tremer a voz pela intensa commoção, disse: «Em homenagem á razão e ao direito, aos grandes principios da civilisação e da humanidade, para honra do reinado do Sr. D. Pedro II, e para gloria immortal do povo cearense, em nome e pela vontade deste mesmo povo, proclamo ao Paiz e ao Mundo:

«A PROVINCIA DO CEARÁ NÃO POSSÚE MAIS ESCRAVOS!»

O que se seguiu, meus Senhores, não se descreve, porque os applausos e acclamações num sussurro, que electrizava o ambiente, pareciam mais as trepidações de um movimento seismico, do que a propria vibração intensa e forte de vozes humanas.

A sessão continuou, e oradores e poetas cantaram hymnos de louvores ao grande acontecimento.

José do Amaral, o venerando brasileiro, que foi um dos maiores expoentes da Abolição, disse: «Uma força divina me arrastou á lucta, e eu pelejei pela humanidade. Tenho uma filhinha que adoro; penso que posso deixar-lhe a memoria de que batalhei pela honra de nossa Patria».

Capistrano de Abreu, o maior historiador brasileiro, e gloria do Ceará, disse: «Na sêcca (referindo-se ao anno terrivel de 77)—o Brasil deu ao Ceará o pão do corpo. Acrisolado pelo martyrio, é agora o Ceará que lhe dá o pão do espirito».

Mas naquella solemnidade se destacou a figura marcial de um homem, cuja fascinante lembrança jamais se apagou no meu espirito.

Almino Alvares Affonso, latinista profundo, de porte alto, cavaignac a Cirano, testa descampada a desafiár rajadas, cabelleira como a de um convencional de 93, voz retumbante de stentor, fulgor estranho nos olhos, orador fecundo, teve naquelle dia um dos seus melhores triumphos, tal a sensação produzida pela sua formidavel oração.

A sessão encerrou-se quando o sol ja declinava e a luz da tarde dourava com uns laivos sanguineos as fachadas multicores das casas, e as folhagens verdes das arvores se rajavam de tons alaranjados.

Porém, antes, como um remate de inefavel doçura, se cantou o hymno da Redempção, letra de Antonio Martins, um dos inspirados poetas da Abolição.

A luzidia legião de senhoras, que representavam os 58 municipios da Provincia, ali estava, sorridente e bella, para entoar o canto dos captivos redivivos para a liberdade.

Todas vestidas de branco, com um laço azul a tiracolo, onde se lia em lêtras de ouro o nome do municipio, empunhavam lindos estandartes symbolicos dos ramos principaes da lavoura de cada uma dessas circumscripções municipaes.

Houve, ao terminar, um deslumbramento de gloria naquellas vozes, que pareciam descer do ceu e dizer: Paz na terra aos homens de bôa vontade...

E assim a voz da mulher—este encanto mais doce da natureza—encerrou aquella sessão memo-

ravel da grande e heroica sociedade «Libertadora Cearense».

E ali chegava ella ao ultimo poiso da jornada, tendo sustentado uma campanha benemerita durante tres annos e cento e oito dias.

O Ceará libertou mais de 32 mil escravos e de todos os municipios o que continha maior numero (2.309) era Sobral e o menor Acarape com 115.

Fóra do Ceará houve tambem regosijo.

José do Patrocinio, o genio da raça negra, rebatendo então o despeito dos escravocratas do sul, numa apóstrophe sublime, apontou para o norte e disse:

«O CEARÁ É A TERRA DA LUZ!»

E a phrase ficou immortal.

André Rebouças, a notavel summidade da engenharia brasileira, e tambem da raça negra, no grande festival do Polytheama do Rio, assim saudava o Ceará: «Deus te salve, Stella Matutina do mais auspicioso dia de paz, de tranquilidade, de justiça, de liberdade, de igualdade e fraternidade! Deus te salve, iris benefico de uma éra nova. Deus te salve, ó Ceará, esplendido pharol dos argonautas de novas liberdades! Quanta gloria, ó terra predestinada! Ser primeira entre as 20 irmãs... Phenix immortal da secca, victima augusta da incapacidade governamental, da covardia dos politicos e da atrós ganancia dos traficantes... (Referia-se aos piratas do sul). Como és bello, ó Ceará! Como é candida e hyalina a ethérea espuma das tuas ondas! Brilham, quaes diamantes, as areias das tuas dunas. Balançam-se, eloquentes e majestosamente, tuas utilissimas carnaubeiras. Mas acima de tudo, refulge esplendorosamente o novo symbolo da Redempção, a vela triangular e branca da jangada libertadora!»

E Joaquim Nabuco, o genio da raça branca, escreveu, então de Londres, a 20 de Fevereiro de 84: «A' Sociedade Libertadora Cearense. Chegam-me de diversas partes noticias de que no dia 25 de Março a Provincia do Ceará ficará para sempre livre da deshonra e do opprobio da escravidão. Não quero que a minha voz deixe de perder-se no côro de admiração e enthusiasmo com que de todos os cantos do Brasil o nome cearense será saudado naquelle dia. Não ha em nosso passado, desde a Independencia, uma data nacional igual á que a Provincia do Ceará vae crear. A immensa luz accesa no norte há de destruir as trevas do sul; não há quem possa impedir a marcha dessa claridade... Os brasileiros hão de reconhecer no cearense o precursor da transformação nacional».

Palavras propheticas foram essas do grande Nabuco, apostolo da Abolição pelo seu verbo de ouro, como Paulo no Oriente pregando a doutrina de Christo.

E para o Ceará o veredictum indefectivel da Historia, fazendo justiça, veio confirmar a visão daquelle brasileiro eminente—typo de romano, bello e eloquente.

Meus senhores.

Permitti que abra aqui um parenthese pela opportunidade sympathica do momento.

Para gloria do Ceará ainda vive, e está aqui presente, honrando esta commemoração, o Exmo. Barão de Studart, que foi um dos fundadores da Sociedade Libertadora Cearense.

Quando da sua installação, o joven medico, então o laureado da Academia e que scintillou pela cultura e pela intelligencia ao lado do fulgurante espirito do Manoel Victorino, fez um appêllo ardente de fino lavor á mulher cearense, pedindo a sua preciosa collaboração em prol dos capti-

vos. Aquella invocação ao concurso feminino produziu fructos admiraveis.

E' que a mulher cearense, escrinio de rara virtude e de amor, tem sido em todos os tempos o balsamo das nossas dores, o estimulo dos nossos ideaes e o amparo heroico dos nossos desalentos.

Meus Senhores.

A commemoração do maior dia do Ceará teve a sorte de um parallelo commovente.

Por uma coincidencia feliz, a Redempção dos captivos caiu tambem num grandioso dia da Christandade, quando a «Annunciação» divina predisse, através de uma visão mysteriosa, a vinda de um Deus que seria, pela belleza do Amor, o Redemptor da humanidade.

Meus Senhores

Não se limitou á sessão civica, embora de excepcional grandeza, o regosijo publico. Ao encerramento do acto seguiu-se ligeiro repouso, porque as festas, que vinham desde as vesperas, continuariam ainda por espaço de tres dias e tres noites, com luminaria geral das casas sem nenhuma excepção.

Houve «Te Deum» solemnissimo na Cathedral, bailes publicos e particulares nos clubs e casas, passeatas civicas, espectaculo de gala no velho Theatro S. Luis, concerto symphonico no palacete da Assembléa e, finalmente, um lauto banquete a 348 pobres, em pontos diversos da cidade. Servidos por distinctas senhoras e cavalheiros, os desherdados da fortuna sentiram um momento de alegria. A um desses festins estiveram presentes o Arcebispo da Bahia D. Luis Antonio dos Santos, o Bispo D. Joaquim e o Presidente da Provincia.

E assim, no dia da sua grandeza e da sua gloria o povo cearense não se esqueceu do infortunio; abraçou-o e deu-lhe a cordialidade da felicidade publica.

Meus Senhores

Para concluir, contarei um episodio empolgante. Quando findava o «Te Deum» e as ultimas notas do velho orgão da Cathedral morriam numa surdina de doce nostalgia, já era noite sobre a cidade.

A illuminação, que seria uma cousa nunca vista, começava a clarear as fachadas dos predios num bruxolear de milhares de lampadas e lanternas «á giorno».

Era «feerica» aquella illuminação, que pontilhava lampejos como vagalumes errantes, até nas choupanas dos arrabaldes e no pendor movediço dos comoros de areia.

Uma passeata á luz de fogos cambiantes, partindo do «Reform Club», subia pela rua Formosa sobre um tapete de flores.

A multidão compacta parecia possuida de uma febre ardente de enthusiasmo, quando das janellas chuvas de flores e palmas vinham cair sobre todos os caminheiros daquella jornada de uma imponencia incomparavel.

Quando a massa popular curvou na embocadura da Misericordia, um deslumbrante foco electrico, visto pela primeira vez na cidade, postado no alto do chalet do escriptorio da «Baturité», projectou ao longo da rua um jorro de luz de reflexos azulados.

Uma exclamação fremiu forte e nervosa, por entre o vozear estrepitoso do povo, onde os vivas

acclamavam a grandeza do Ceará, por ventura naquella hora maior que o resto do Brasil.

Então, o prestito estacou e da sua frente surgiu a figura varonil de Almino, fronte humida de suor, barba de gaulez – luzidia ao reflexo incisivo do jacto rutilante, e, apontando para o fóco de luz, num arrebatamento tragico de general da legenda biblica, exclamou: «Bravos! a noite fez-se dia e o sol nasceu no poente!»

O povo não se conteve no seu delirio de fascinante alegria e carregou em triumpho o maior orador da Abolição, como se fosse um guerreiro antigo descendo das fronteiras da Gallia para subir o Capitolio de Roma.

E, assim, naquella apotheose de luz, deveria terminar a maior festa, que o Ceará ainda viu; mas o povo continuou no mesmo delirio de jubilo pela noite a dentro, quando foi surprehendido por uma alvorada que avançava do mar para a terra. Era o sol que, deixando de «surgir no poente», apparecia de novo ao naseente, trazendo a vida para o Ceará livre que entrava, assim, na historia da civilisação humana, aureolado tambem pela luz da sua gloria immortal...